

A MULHER QUE CANTA: REFLEXÕES SOBRE A LÍNGUA MATERNA A PARTIR DA OBRA *INCÊNDIOS*

The woman who sings: reflections about the maternal language from the movie *Incendies*

LUAN ALEX DE MATTOS¹

Resumo: *Incêndios* é um filme canadense de 2011 produzido pelo diretor Denis Villeneuve. Após a morte da mãe, os gêmeos Jeanne e Simon são colocados por ela — pelo seu discurso, pela sua língua que ainda ecoa — em determinadas posições. Lhe são demandadas determinadas posições em relação ao Outro. Tomamos essa obra como ponto de partida para desenvolvermos algumas reflexões sobre a língua materna — noção/conceito relativamente instável e polissêmico. Escrevendo a partir de uma interlocução entre Análise de Discurso Francesa e Psicanálise, buscamos responder a seguinte provocação: Como a língua materna atravessa os sujeitos e colabora na construção de subjetividades? Mais do que um problema de pesquisa essa é uma inquietação que se apresenta a nós. Para responder essa questão, temos como objetivo geral discutir o conceito — ou noção — de língua materna a partir de *Incêndios*. Como objetivo específico, buscamos analisar uma possível aproximação entre língua materna e discurso — dentro dessa obra fílmica. Com base na literatura consultada para o desenvolvimento desse texto, pudemos considerar ao final de sua redação, que a língua materna afeta o sujeito de uma forma extremamente potente, de uma forma que outras línguas não necessariamente o façam, uma vez que essa língua dita materna, pela proximidade com a mãe traz marcas dessa relação singular que nunca deixam de afetar o sujeito.

Palavras-chave: Língua materna; cinema; discurso; psicanálise.

Abstract: *Incendies* is a 2011 Canadian film produced by the director Denis Villeneuve. After their mother's death, the twins Jeanne and Simon are placed by her — for her speech, for her language that still echoes — in certain positions. They are demanded to assume certain positions in relation to the Other. We take this work as a starting point to develop some reflections about the mother language - a relatively unstable and polysemic notion/concept. Writing from an interlocution between French Discourse Analysis and Psychoanalysis, we seek to answer the following provocation: How does the mother language cross the subjects and collaborate in the construction of subjectivities? More than a research problem, this is a concern that presents itself to us. To answer this question, we have as a general objective to discuss the concept — or notion — of mother language from *Incendies*. As a specific objective, we seek to analyze a possible approximation between mother language and speech - within this filmic work. Based on the literature consulted for the development of this text, we were able to consider at the end of its writing, that the mother tongue affects the subject in an extremely potent way, in a way that other languages do not necessarily do, since this language

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Fronteira do Sul (UFFS). E-mail: luan.mattos@estudante.uffs.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1276-8781>.

called mother language, due to the proximity to the mother, brings marks of this singular relationship that never fail to affect the subject.

Keywords: *Mother language; cinema; speech; psychoanalysis.*

Introdução — ou das condições de escrita

Pesquisando já há algum tempo sobre o processo de constituição do sujeito a partir de suas línguas, em uma perspectiva da Análise de Discurso Francesa em sua interlocução com a Psicanálise, temos nos deparado com pontos nebulosos acerca de um conceito que nos é muito caro para pensar a temática que buscamos desenvolver. Em verdade, quando consultamos alguns autores que se debruçam sobre as línguas como Althenhofen (2002), por exemplo, *língua materna* aparece como uma noção apenas, e uma noção de difícil definição, maleável para adaptar-se e se fazer valer em suas possíveis aplicações.

Entretanto, em entendimentos mais gerais acerca de língua materna falta algo. Definições que se confundem por vezes com “língua oficial” (DECROSSE, 1989), ou que podem ser substituídas por “primeira língua” (ALTENHOFEN, 2002), por considerarem que não necessariamente seja a mãe aquela pessoa da qual a criança apreende seu idioma, não parecem servir para nossos fins. São construções teóricas que, embora válidas e bem desenvolvidas, deixam de fora não apenas a subjetividade do sujeito, mas também o processo de inserção da criança no simbólico, nessa triangulação mãe-pai-criança que nos é muito familiar. Recorrendo a textos outros que versem sobre a língua mas que tenham uma maior interlocução com a psicanálise, trabalhando com autores como Derrida (1996), Milner (2016) e Revuz (2001), percebemos uma desestabilização nessa língua — e uma potencialidade para essa língua desestabilizar sentidos —, compreendemos que a partir dela o sujeito se diz, mas não necessariamente diz o que pretende. Contudo, ainda nesses escritos algo falta. Diante dessa falta, sempre presente e constitutiva, nos deparamos não com um problema propriamente, mas com uma inquietação: Como a língua materna atravessa os sujeitos e colabora na construção de subjetividades?

Pensando os efeitos que essa língua materna (seja lá o que ela for) produz no sujeito que a partir dela se enuncia, tomamos como ponto de partida para nossas reflexões uma obra cinematográfica de 2011. *Incêndios*, do diretor Denis Villeneuve é um drama que, tal qual o Inconsciente Freudiano se presentifica de forma não linear. Na narrativa do filme não há passado propriamente — desconstrução temporal que o diretor irá explorar novamente, mas de modo diferente, em *Arrival* de 2016. Ele ressurgir sim, mas como um *presente de outro tempo*, em uma alternância de momentos que tornam cada

cena um vir a ser em potencial. Após a morte da mãe, Jeanne (Mélicca Désormeaux) e Simon (Maxim Gaudette), irmãos gêmeos, partem em direção ao seu passado buscando por seu pai e por seu outro irmão, fazem isso para atender ao último desejo da mãe. Cada um porta uma carta endereçada a um desses homens perdidos. Um pai que se acreditava morto e um irmão do qual não se sabia da existência. A voz ecoante dessa mãe morta os leva de volta à Palestina, e ali, onde a língua falha, há a possibilidade de o real surgir.

Buscamos assim, a partir de *Incêndios*, pensar alguns pontos que nos inquietam acerca da relação do sujeito com sua língua materna. Temos como um objetivo geral, portanto, discutir o conceito (ou noção) de língua materna a partir dessa obra fílmica, tomando-a como um ponto de partida e um pré-texto para a escrita do presente artigo. Como objetivos específicos buscamos apresentar um panorama geral sobre a noção de língua materna bem como analisar uma possível aproximação entre língua materna e discurso. Essa pesquisa se justifica pela necessidade de uma maior compreensão dessa noção ainda nebulosa, compreensão necessária para o desenvolvimento de trabalhos outros, sobre língua materna ou sobre o sujeito no espaço entre línguas.

Em *Incêndios*, na concretude dos diálogos, há impossibilidades de dizer-se, desencontros entre o árabe e o francês. Há mais que isso. Através de Jeanne ecoa o discurso da mãe. O discurso da mãe, vindo de fora, a impele. Movimento antagônico de expulsão e retenção, um jogo entre o imperativo do dizer e o silenciado. Um campo simbólico em que, quanto maior a proximidade com a mãe, mais denso o silêncio, menos possibilidade de poder se dizer. Tomamos essas construções como metáforas para pensar a língua materna. A temática da língua materna atravessa a obra de diversos autores, como os já citados Milner (2016) e Derrida (1996) e também Khatibi (1985). Esse último, crítico literário marroquino com uma prolífica obra, vai comentar sobre a língua materna apontando que:

S'il n'y a pas [...] la langue, s'il n'y a pas de monolinguisme absolu, reste à cerner ce qu'est une langue maternelle dans sa division active, et ce qui se greffe entre cette langue et celle dite étrangère. Qui s'y greffe et s'y perd, ne revenant ni à l'une ni à l'autre: l'incommunicable (KHATIBI, 1985, p. 10).²

Mais do que trazer qualquer resposta, essa citação inquieta. Nos coloca diante da dúvida e do não saber. Tal como Jeanne e Simon, nos achamos desamparados diante da palavra que falta. Khatibi (1985) pressupõe entre a língua materna e a língua outra, uma falta. O que o autor chama de incomunicável pode ser lido como aquilo que é interdito, como uma carta fechada, onde as palavras existem, mas (encobertas) nos escampam.

² “Se não há [...] a língua, se não há monolinguismo absoluto, resta a definir o que é uma língua materna em sua divisão ativa, e o que se enxerta entre essa língua e aquela dita estrangeira. O que se enxerta e se perde, não voltando nem a uma nem a outra: o incomunicável.” (KHATIBI, 1985. p. 10, tradução nossa).

O texto se estrutura a partir de uma abordagem discursiva, através de um diálogo próximo entre a Análise de Discurso Francesa (PÊCHEUX, 2016) — doravante AD — e a Psicanálise, notadamente a partir das teorias lacanianas. Embora a AD tenha na psicanálise uma de suas bases constitutivas — juntamente com a linguística estruturalista e o materialismo histórico dialético — marcamos o lugar do qual enunciamos e escrevemos como um lugar de entremeios entre a psicanálise e a AD. Nesse sentido Dunker, Paulon e Milán-Ramos (2016), salientam que:

Portanto, uma condição para a aproximação entre a psicanálise e a análise de discurso é considerar as transformações contemporâneas no interior das ciências humanas, com a eleição de fenômenos coletivos. Assim, a psicanálise surge como uma estratégia de leitura mais interessante do que sua antiga utilização categorial, privilegiando a tradução de conteúdos e a aplicação de teses genéricas sobre as razões, motivos ou causas. Em outras palavras, a psicanálise passa de uma hermenêutica específica para uma tática de leitura, que incorpora a memória e a história como textualidade, a transferência do pesquisador e o texto como “outro” (p. 134).

A psicanálise assim deixa de ser uma *práxis* que por considerar o inconsciente como um fato é validada como base para o desenvolvimento de teorias discursivas. Passa a ser compreendida e legitimada como uma *forma de se ler o mundo*, considerando a historicidade e a relação do pesquisador com o *corpus* a ser analisado.

Para o desenvolvimento da análise, procedemos isolando recortes discursivos presentes no filme e analisando-os a partir da bibliografia pertinente. Cabe aqui frisar que muito embora nas pesquisas que se organizam a partir da AD seja comum trabalhar com recortes discursivos como *seqüências discursivas*, recortes de fala a serem analisados pelo pesquisador, aqui entendemos discurso em uma perspectiva mais ampla, que lhe é legítima, não findando nos enunciados toda a potencialidade e toda a possibilidade simbólica dos discursos.

1 A língua da mãe

A língua materna enquanto possibilidade de o sujeito se dizer e se constituir, é para Revuz (2001) mais do que um sistema de designação unívoca. Para ela, essa língua não pode ser tida — e não pode ser nunca — apenas uma ferramenta de designação. Derrida (1996), compreende que essa língua materna — que pode ser qualquer língua na medida em que toda língua é para algum falante língua materna (MILNER, 2016) — é lugar de sofrimento, paixão e prece. Questionamos se os efeitos dessa língua, dita materna, não teriam relação com a inserção no simbólico propriamente, bem como com o

fato de ser essa a língua que coloca o sujeito diante do Outro. Para clarificar esse ponto, retomamos Revuz:

[...] aprender a falar é, para a criança, estabelecer um compromisso, é encontrar alguma coisa para dizer de seu próprio desejo, alguma coisa dos valores que adquiriram para ela os objetos e as palavras, em uma linguagem tecida a partir do desejo do Outro, enquanto ela própria é modelada por esse desejo (REVUZ, 2001. p. 219).

Assim tomamos ciência de que essa inserção da criança no simbólico com todas as possibilidades e conflitos que daí advenham, dá-se a partir do desejo do Outro. Esse Outro, que lhe alienando, lhe possibilita se enunciar, lhe possibilita fazer-se sujeito.

Deste modo, pensando a constituição do sujeito e seu entrelaçamento com o Outro, no seu seminário 05 Lacan aponta que:

O que é um sujeito? Será alguma coisa que se confunde, pura e simplesmente, com a realidade individual que está diante de seus olhos quando vocês dizem o *sujeito*? Ou será que, a partir do momento em que vocês o fazem falar, isso implica necessariamente outra coisa? Quero dizer, será que a fala é como que uma emanção que paira acima dele, ou será que ela desenvolve, que impõe por si só, sim ou não, uma estrutura como aquela que tenho comentado longamente, à qual os habituei? — e que diz que, quando há um sujeito falante, [...] há sempre um terceiro, o grande Outro, que é constitutivo da posição do sujeito enquanto alguém que fala, isto é, também como um sujeito... (LACAN, 1957-1958 [1999], p. 185-186, grifo do autor).

Especificando o papel desse Outro, mas agora no seminário 16, o autor pontua que:

[...] podemos fazer uma primeira leitura do A tomado como Outro, ou lugar do código. O A encerra o tesouro da linguagem, que é preciso supor já presente, para que dele possam ser extraídos, sob o selo da intenção, os elementos que vêm inscrever-se uns após outros, para se desenrolarem sob a forma de uma [...] frase que descreve um circuito até que algo seja realizado, fechado (LACAN, 1968-1969 [2008]. p. 50).

Desse modo fica clara a importância que esse Outro possui na constituição do sujeito, um outro que é tesouro da linguagem e que se presentifica sempre como um terceiro, sempre como algo com o qual o sujeito (atravessado e constituído por essa linguagem que o Outro detém) tem sempre de se haver.

Entendemos que a inserção na língua materna venha com um peso que não necessariamente outras terão, e que ainda que tenham, seja de um modo diferente que afetam o sujeito. Derrida pensa esse afetar-se por essa primeira língua em termos de um monolinguismo, um monolinguismo que entretanto lhe precede. Comenta ele:

Il me constitue, il me dicte jusqu'à l'ipséité de tout, il me prescrit, aussi, une solitude monacale, comme si des vœux m'avaient lié avant même que j'apprenne à parler. Ce solipsisme intarissable, c'est moi avant moi. À demeure (DERRIDA, 1996, p. 14).³

Derrida marca esse lugar prescrito ou determinado pela língua materna na inserção do sujeito dentro do universo simbólico. Cabe frisar que embora Derrida fale sobre um monolinguismo, o que ele propõe e discute é um “monolinguismo plural”. Podemos então expandir suas discussões para debates outros, envolvendo línguas outras, uma vez que não falamos nunca uma só língua (DERRIDA, 1996, p. 21).

É nesse sentido que Revuz (2001) constrói sua linha argumentativa. Refletindo sobre a língua materna para pensar sobre o aprendizado de línguas estrangeiras, a autora postula que:

[...] muito antes de poder articular o mínimo som, a criança se encontra já imersa dentro de um universo de palavras, e que essas palavras, mesmo que não as possa reproduzir, nem produzir outras a partir delas, não são para ela menos dotadas de significação (REVUZ, 2001, p. 218).

Assim Revuz marca o lugar e a importância dessa língua materna na constituição do sujeito. Uma língua que o afeta e o envolve antes de ele poder se enunciar nessa ou em qualquer língua. Se assim é, parece-nos, a designação *língua materna* diz algo da relação subjetiva com essa língua, mais do que da primeira língua em que enuncia ou “de quem é a língua” a partir da qual a criança se enuncia.⁴

2 Carta ao filho

Jeanne e Simon recebem então essa mensagem póstuma da mãe. Vem em forma de testamento e convoca um testemunho de seu passado e de sua história. Vem em forma de uma carta que eles devem entregar ao pai e ao irmão perdidos. Essa mensagem que os atravessa neles produz efeitos singulares.

Que é esse outro quem lhe entregue, que é dele que a mensagem venha, pouco importa. Parte de um sistema simbólico maior, que determina posições de sujeito, possibilidades e angústias diante do

³ “Ele me constitui, ele me dita a ipseidade de tudo, ele me prescreve, também, uma solidão monacal, como se os votos tivessem me ligado a ele antes mesmo de eu aprender a falar. Esse solipsismo inesgotável, sou eu antes de mim. Para sempre” (DERRIDA, 1996. p. 14, tradução nossa).

⁴ Embora não nos propomos a detalhar essa discussão ou menosprezar outros campos teóricos, marcamos a não coincidência entre “língua materna”, tal como aqui postulada e proposta, e designações outras, em que se toma como relevante para a conceituação de língua materna, a relação que aquele que promove a aquisição da linguagem por parte da criança mantém com ela. Não desprezamos de forma alguma as constituições familiares outras, mas marcamos que ao nos referirmos a “materna”, falamos de uma função, e não de uma relação de parentesco (embora a obra que aqui trabalhamos a aborde dessa forma).

inesperado, do que escapa à apreensão pela língua. É a letra da mãe que nos importa e os afeta. São as palavras dela marcadas em papel e em seus corpos — simbólicos — que lhes determinam. Cedendo ou negando, diante das palavras dessa mãe, diante dessa língua que vem dela, diante dessa língua materna, não há como sair-se imune.

Duas cartas. É claro, não teria como ser uma apenas já que esse discurso — que ainda que não seja da mãe, lhe atravessa (FOUCAULT, 2014) — afeta cada um deles de modo distinto. Não poderia ser uma carta apenas, pois o laço que cada um dos gêmeos estabelece com a mãe é um laço distinto, não se confundem entre si. Em Jeanne, esse discurso soa como um imperativo de mobilidade, ela vai para a Palestina. Ela o faz para atender ao último desejo da mãe, ou ela o faz para que essa voz lhe fale mais baixo. Simon, se nega. Se recusa a ceder e a seguir esse caminho propenso a falhas em busca de uma verdade que, assim como o discurso dessa mãe, lhe precede — tudo para em algum momento ceder também a ele. Sempre se cede, é ele que nos convoca e nos constitui.

A mãe é aqui o Outro, esse primeiro Outro ainda não interdito e que é a referência e o algoz do sujeito. Esse Outro é para Lacan (1968-1969 [2008]) o lugar do código, o tesouro da linguagem e do significante. É um terceiro inespecífico responsável pela inserção do sujeito na cadeia simbólica a partir da entrada que promove na língua.

Cada um recebe uma carta, e a quem se destinam, pouco importa e é só o que importa. O discurso da mãe, que lhe pertence sem pertencer, que vem dela, não tendo aí sua origem, mas ecoando através dela como o som de explosões para reverberar em seus filhos, e nem aí mesmo se deter, se destina, portanto, a um outro. Mais uma vez, há muito no não dito. Eles, é claro, ainda não sabem disso. Jeanne parte em busca desses dois homens e é confrontada com a impossibilidade do simbólico. Ali a língua lhe falta. Nesse sentido, Revuz (2001) pontua que:

[...] a língua estrangeira é por definição, uma segunda língua, aprendida depois e tendo como referência uma primeira língua, aquela da primeira infância. Pode-se aprender uma língua estrangeira somente porque já se teve acesso à linguagem através de uma outra língua. Essa língua chamada “materna” pode não ser a da mãe, a língua “estrangeira” pode ser familiar, mas elas não serão jamais da mesma ordem (REVUZ, 2001, p. 215).

A inserção de Jeanne na comunidade árabe, por onde transita, em um primeiro momento sem se deixar afetar, só é possível a partir de seus laços com sua mãe. As relações com essa língua outra, em suas diferentes possibilidades de resolução — aprendizagem, não aprendizagem, regozijo, asco — só podem se estruturar nessas formas, só podem ser nomeadas enquanto tal — ou silenciadas diante do reconhecimento da palavra que falta — porque somos afetados e feitos sujeitos por essa língua

materna. As possibilidades de se significar ou de se silenciar nessa língua outra não deixam de estar atreladas a inserção de Jeane nessa língua da mãe.

A descoberta das palavras, das significações linguísticas é indissociável da experiência da relação com o outro e das significações libidinais que se inscrevem nela. A voz, as palavras da mãe são fontes de prazer ou de desprazer: elas têm, além disso, o poder de interferir nas outras sensações (visão, tato, paladar) reforçando ou anulando os sentimentos de prazer ou de desgosto que são ligados a elas (REVUZ, 2001, p. 219).

Podemos observar, com Revuz, que ao falarmos sobre língua materna não falamos em absoluto de um conjunto de signos desafetado. Pelo contrário. Quando falamos sobre língua materna, falamos, em verdade, de uma apropriação simbólica a partir da qual o sujeito vem a *recobrir* seus afetos. Nomear através dela a realidade que o cerca. Daí Derrida (1996) afirmar que a língua materna é uma língua destinada a traduzir certas memórias, uma língua que é lugar de ciúmes, preces e paixões.

Falamos de uma língua que, mais que designar a realidade, lhe constitui. O passado dos três irmãos passa a fazer sentido na medida que Jeanne se deixa atravessar pela língua materna, língua que é laço e que enlaça.

Conceitos bastante distintos, língua e discurso tem essa diferença muito bem demarcada no campo da AD francesa. Quando falamos sobre língua, falamos sobre um sistema simbólico específico com um conjunto de regras próprias e que se mantém em funcionamento através de uma autorregulação (SIGNORINI, 2006; RAJAGOPALAN, 2008).

Falar em discurso, por outro lado, implica em falar sobre uma língua em funcionamento no sujeito e na história. Orlandi, na perspectiva da AD francesa, pensando a estruturação do discurso, vem pontuar que:

O discurso, por princípio, não se fecha. É um processo em curso. Ele não é um conjunto de textos mas uma prática. É nesse sentido que consideramos o discurso no conjunto das práticas que constituem a sociedade na história, com a diferença de que a prática discursiva se especifica por ser uma prática simbólica. Um sujeito não produz um só discurso; um discurso não é igual a um texto (ORLANDI, 2015, p. 69).

Prática simbólica, o discurso é atravessado por um funcionamento ideológico e por um inconsciente que lhe faz furo, que lhe desestabiliza. Ele não nasce no sujeito, mas lhe atravessa — como uma carta que recebemos de alguém e devemos encaminhar a um outro.

Para Lacan por outro lado, o discurso é uma estrutura sem palavras. Elas vêm, *a posteriori* se assentar sobre ele. Dizer que ele subsiste sem palavras, não significa, entretanto, propor que o discurso seja desprovido de linguagem, pelo contrário. Lacan (1969 [1998]. p. 11) salienta que: “Mediante o instrumento da linguagem, instaura-se um certo número de relações estáveis, no interior das quais

certamente pode inscrever-se algo bem mais amplo que vai bem mais longe que as enunciações efetivas”, e complementa afirmando, em outro texto, que:

No fim das contas, há apenas isso, o laço social. Eu o designo como o termo discurso porque não há outro meio de designá-lo, uma vez que se percebeu que o laço social só se instaura por ancorar-se na maneira pela qual a linguagem se situa e se imprime, se situa sobre [...] o ser falante (LACAN, 1973 [1996], p. 79).

Assim Lacan pontua que esse laço que se sustenta no simbólico é de fato o que vem a designar-se como discurso.

Resguardando-nos certamente de quaisquer ambiguidades teóricas, propomos que a língua da mãe — da forma como afeta Jeanne e Simon, essa língua materna que se presentifica em suas cartas, essa língua materna que, vindo desses vários outros diz de sua mãe — seja mais do que um conjunto de signos linguísticos. A língua materna traz nesse caso — apenas nesse? — marcas de um *discurso materno*, de inserção do sujeito no simbólico. Possibilidade de aí Jeanne poder se dizer ainda que em outro idioma (o francês, atravessada pelo discurso e pela língua da mãe), reconhecendo e nomeando seu passado, se reconhecendo como sujeito de uma forma que não seria possível sem esse atravessamento pelo simbólico imposto pela mãe.

O que queremos dizer aqui é que essa língua, tal como a língua materna de Derrida e Khatibi, afeta Jeanne e Simon de uma forma muito particular, em uma configuração desestabilizante da mesma maneira que um *discurso* é desestabilizante. Sobre a língua que sustenta o desejo do sujeito — a tal ponto de fazê-lo atravessar o oceano em busca de respostas — Milner salienta:

É claro que não pode se tratar da língua dos linguistas: uma representação matematizável não teria de modo algum como afetar o ser que a sustenta e, além do mais, a língua como objeto de ciência ampara-se justamente no fato de não ser falada por ninguém cujo ser seja especificável (MILNER, 2016, p. 95).

A língua da mãe não é para ele apenas um conjunto simbólico, apenas um idioma. Ela traz marcas muito profundas acerca da relação dela com o mundo e de sua relação com o mundo. Milner (2016) propõe assim uma aproximação entre a noção de língua materna e o conceito lacaniano de *lalíngua* — essa última, marca um não sentido e se articula ao equívoco, assim, falar em *lalíngua* e em equívoco é atestar que algo escapa a representação: O equívoco não é o real, mas sim aquilo que no simbólico nos coloca diante do real.

Lalíngua é, pois, uma língua entre outras; ao mesmo tempo em que, uma vez formulada, ela impede, por incomensurabilidade, que se construa uma classe de línguas que chegue a incluí-la. Sua figuração mais direta é precisamente a língua materna, que não carece de muita observação para admitirmos a necessidade de uma torção bastante forte, para todos os efeitos, caso o intuito seja acomodá-la no lote comum. Mas ela é, tão logo, qualquer língua — na medida em que todas são, em

algum aspecto, uma entre outras; e que são, para algum ser falante, língua materna (MILNER, 2016, p. 21, grifo do autor).

Nessa perspectiva, com a qual nos alinhamos, língua materna não é apenas um sistema simbólico com regras próprias e auto regulamentável. Vai muito além disso, ainda que esse “além” possa ser, por ora, impreciso.

3 Considerações parciais

No presente texto nos propusemos a discutir sobre a Língua Materna tomando como ponto de partida *Incêndios*, obra fílmica do diretor Denis Villeneuve. Tomando como metáfora as relações que se dão no filme — de Jeanne e Simon com o notário Lebel; de Jeanne com esses conterrâneos de sua mãe e dos gêmeos com a memória da mãe morta — para tecer algumas considerações preliminares sobre essa temática que tem nos inquietado.

Não tencionamos chegar aqui a uma resposta sobre o que é a língua materna ou que sentidos podemos atribuir a essa expressão significante. Buscamos, talvez, nos deixar interrogar sobre isso que, nessa produção fílmica — amparada na língua — interroga a psicanálise, sobre essa relação do sujeito com essa língua que é da mãe e que por isso lhe afeta.

Parece-nos, entretanto, que ao falarmos de língua materna a partir da referida obra, essa língua materna adquire um caráter bastante subjetivante. Se o idioma no qual Marwal se insere desde criança é o árabe e o francês ela só vai aprender após o nascimento de seu primeiro filho, essa parece quase que uma questão menor. Ainda que esses idiomas não coincidam e que a diferença assim se marque entre os ditos e principalmente os não ditos, ainda assim o contato se estabelece, de um ou de outro modo.

Língua materna, em *Incêndios* — na forma como a compreendemos — aproxima-se do entendimento de língua materna proposto por Milner (2006): Uma designação que não diz respeito tanto ao idioma da mãe ou ao idioma no qual a mãe insere a criança, mas sim a uma forma de relação específica que se estabelece entre o sujeito e determinada língua na qual enuncia — relação singular que assim se estabelece como um reflexo da relação da criança com a mãe.

Em nossa leitura, nessa obra, língua materna parece aproximar-se do conceito de discurso, na medida em que algo escapa e o irrepresentável se faz presente, lugar onde a gramática falha marcando assim a existência de *lalíngua*. Essa entretanto não é uma definição “unívoca” (REVUZ, 2001), uma vez que somos também atravessados por essa língua e por ela afetados. Nossa leitura traz marcas de nossa relação com essa língua — materna —, que nos determina possibilidades e lugares de onde se dizer.

Outrossim, nossa leitura e análise é amparada também por diversos autores (os já aqui citados Milner [2016], Derrida [1996] e Revuz [2001]) que desestabilizam essa ideia de língua materna como um sistema de signos anódino e hermético — definição que se adotada levaria a um outro processo de leitura e análise do filme enquanto metáfora.

Referências

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **O conceito de língua materna e suas implicações para o bilingüismo (em alemão e português)**. In: Martius-Staden-Jahrbuch, São Paulo, n. 49, p. 141- 161, 2002.

DECROSSE, Anne. Um mito histórico, a língua materna. In: VERMES, G.; BOUTET, J. (Orgs.) **Multilingüismo**. São Paulo: Editora Unicamp, 1989.

DERRIDA, Jacques. **Le monolingüisme de l'autre**. Paris, França. Galilée, 1996.

DUNKER, Christian Ingo Lenz; PAULON, Clarice Pimentel; MÍLAN-RAMOS, José Guillermo. **Análise Psicanalítica de Discursos: Perspectivas Lacanianas**. São Paulo. 2. ed. Estação das Letras e Cores, 2017. 320 p.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 5. ed. 2014. 79 p.

KHATIBI, Abdelkebir. **Amour bilingue**. Casablanca: Fata Morgana. 1983.

LACAN, Jacques. (1957-1958). **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. (1973) **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LACAN, Jacques. (1968-1969) **O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. (1969) Produção dos quatro discursos. p. 9-24. In: LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17: O avesso da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MILNER, Jean Claude. **O amor da língua**. Campinas, SP. Editora Unicamp. 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: Princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas, SP. Pontes, 2015.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Linguagem: o santo Graal da linguística. In: SIGNORINI, Inês (Ed.). **Situar a língua[gem]**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 15-38.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. *In*: SIGNORINI, Inês (Org.) **Linguagem e identidade**: Elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP. Fapesp, 2001. p. 213-230.

SIGNORINI, Inês. A questão da língua legítima na sociedade democrática. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Ed.). **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 169-190.